



O Regavão: traços fisiográficos dum rio

Autor(es): Miranda, Raúl de

Publicado por: Museu Mineralógico e Geológico

URL persistente: <http://hdl.handle.net/10316.2/37934>

Accessed : 21-Nov-2019 07:54:13

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



PUBLICAÇÕES DO MUSEU MINERALÓGICO E GEOLÓGICO
DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

N.º 17

Memórias e Notícias



COIMBRA
CASA MINERVA
1945

O Regavão

Traços fisiográficos dum rio

1.^a PARTE

Do nome e suas vicissitudes

O Rio Regavão, afluente da margem esquerda do Cávado, constitue um dos exemplos mais curiosos da potamologia portuguesa e corre, em leito acidentado, pelas terras elevadas do Barroso.

Mas se a personalidade do próprio rio é digna de estudo e atenção, o problema do nome, como aparece nos diversos escritos antigos e modernos e se manifesta no falar do povo marginal, é motivo de interesse continuamente renovado.

As investigações a que recorremos, em livros e publicações; as consultas aos mais distintos cultores de toponímia, e os inquéritos locais que efectuamos quando da visita àquele rio e sua bacia hidrográfica, levaram-nos ao convencimento de que o nome de Regavão deve subsistir e destronar a forma de Rabagão, utilizada modernamente, a qual é afinal a maneira corrompida do primitivo nome daquele curso de água. A importância menor que o Regavão possui, comparado com outros rios portugueses, levou, naturalmente, ao facto dêste não ser mencionado pelos romanos e outros povos que habitaram a península e aqui estiveram estabelecidos. No tempo do imperador Augusto, os cursos

mais conhecidos no nosso país eram o *Limia*, *Belion* ou *Lethe* (Lima), o *Minius* ou *Baenis* (Minho), o *Cadavus* (Cávado), a que os romanos chamaram também *Celando* e Celano e Ptolomeu designa por Cavus, o *Avus* (Ave), o *Darius* (Douro), o *Cuda* (Côa), o Vacus ou *Vacua* (Vouga), o *Munda* (Mondego), o *Ocecarus* (Zézere), o *Naban* (Nabão), o *Tagus* (Tejo), o *Callipus* (Sado) e o *Anus* (Guadiana).

Não aparece a designação do rio que nos serve para estudo e até ao século XVIII, [aliam em documentos alusões ao curso de água barrosão. Embora, como diz o erudito investigador da toponímia portuguesa, Dr. Joaquim da Silveira, seja de considerar que os nomes de quasi todos os nossos rios de algum vulto, sobretudo do centro e norte do país, ascendam a eras muito remoias e pertençam na maior parte a línguas pre-romanas, de que muito pouco se sabe, o Regavão, quer por não constituir uma linha de água navegável, quer pelo aspecto marginal que o impossibilita de favorecer a agricultura como tantos outros, ficou desde cedo condenado a um esquecimento, que se prolongou durante séculos, não sendo, ainda para mais, rio que banhe durante o seu percurso, terras ou grandes aglomerados de relêvo e importância acentuada. Este conjunto de factos, contribuem, poderosamente, para passar despercebido, tão curioso elemento potamológico do norte de Portugal e exemplo vivo no seu perfil, duma anormalidade que o torna e aponta como um caso estranho de valor geográfico e geológico de rara proeminência.

Tem aparecido êste curso de água, com as designações seguintes: Regavão, Regabão, Rio de Vila da Ponte, Rio da Misarela e Rabagão.

Só nos interessam especialmente as duas formas primeira e última, pois uma toma o nome da povoação por onde passa e a de Rio da Misarela diz respeito à célebre ponte do mesmo nome, ou ponte do Diabo, situada pouco antes de o rio juntar as suas águas ao curso do Cávado de que êle é tributário da margem esquerda.

Nada nos diz a etimologia da palavra Regavão, que julgamos ser a mais antiga; e àcerca da expressão agora adoptada, de Rabagão, o mesmo cultor da toponímia,

Dr. Joaquim da Silveira, apresenta a hipótese da sua origem se basear no latim *ruber* ou *rubens*, vermelho, avermelhado, com referência à cor das águas ou das rochas do leito, ou das margens. E assim, verificada essa hipótese, o erudito investigador emparelhava o nome de Rabagão com o do rio espanhol Rubagon, que na província de Palencia com o Camesa, vai confluír com o alto Pisuerga, pela sua margem esquerda; e com o Rubicon, que na Itália, faz derivar o seu nome da cor das pedras, ou, conforme diz Lucano, na *Pharsália*, liv. I, versos 214-215, «*que o nome Ura da cor dos seixos rubicundos*». Poderiam mencionar-se alguns exemplos em Portugal de rios com proveniência análoga, como o Rio Tinto, Ribeira Ruiva e Água Encarnada.

Na Espanha, o Llobregat, que na época romana se chamava Rubricatus, avermelhado, e nas Américas, os rios Colorados, Vermelho e Negro. Tal facto, porém, no que diz respeito ao Regavão, ou oficialmente Rabagão, não se verifica. Nos trabalhos a que procedemos e nas perguntas e inquérito que fizemos, nenhuma colaboração das águas, aspecto marginal ou do alvéo, podia levar a admitir que o tom avermelhado ou colorido, seriam o responsável pela origem do nome. Xistos e granitos, entre os quais a água corre e que formam alternadamente o leito por onde passa, vegetação pouco frondosa e muito escassa; colorido e tom da luz em dias claros de sol ou sombreados por nuvens, nada nos indica que o nome moderno pudesse basear-se em qualquer tonalidade de que o vermelho fosse a causa. A notícia mais antiga (1) onde o rio aparece, é de 1734 e refere-se às Memórias *para a História Ecclesiastica do Arcebispado de Braga, primaz das Hespanhas*, de D. Jeronimo

(1) António de Sousa Macedo, na obra *Flores de Espana. Excelências de Portugal*, publicada em Lisboa em 1631, faz no seu capítulo II, a pág. 11 e 12, n.º 14, alusão aos rios portugueses, mencionando muitos de valor secundário, sem os indicar por qualquer ordem, antes os misturando de forma nítida. Depois de se referir a diversos cursos, diz: «el Homem, el Cauado, el Rio de pe, el de Fafe, el de Vizela, el de Landim...». Depois de citar o Homem e o Cávado, será o Rio de pe, o Regavão?

Contador de Argote, que, no tomo segundo e a págs. 583-584, diz: «Do Codeçoso do Arco, como dissemos, hia a Via militar Romana rodeando o monte, a que chamão Castro de Codeçoso, e pegada à margem de hum rio corria até o lugar, onde chamão Porto de Carros, e dizem tinha alli Ponte de trez olhaes, que levou já ha anos o rio Regabão, e ainda existem vestígios delia, e da sobredita Ponte proseguia a estrada até o lugar, chamado Lama do Carvalhal, a huma légoa do Codeçoso».

A grafia Regabão, deve-se certamente ao fenómeno de abrandamente, e que ainda hoje, se encontra no falar e escrever, dos povos da região. Da *Descripçam corografica do Reyno de Portugal*, de António de Oliveira Freire, em 1739, menciona-se « o Cávado, que tem sua fonte junto ao lugar de Codezozo na provincia de Tras dos Montes, atravessa a do Minho, e banhando as muralhas de Barcelos, desemboca por Espozende no Oceano Atlântico», (Pág. 3), mas não se dá conta dos seus afluentes.

É curioso acentuar, que o autor indica para nascimento do Cávado, o lugar de Codeçoso, perto do qual nasce o Regavão e donde parte um pequeno ribeiro afluente da margem esquerda daquêle rio. Mesmo assim, ou porque não conhecesse o lugar, ou não lhe dessem informações minuciosas, Oliveira Freire nada mais acentua à hidrografia local.

Em 1758, o pároco de Ruivães, freguesia que dista poucos quilómetros da Ponte da Misarela (Dic. Geográfico; Ms. da Torre do Tombo) refere-se ao rio, escrevendo Regavão, forma que julgamos ser a anterior às outras já mencionadas. No *Mappa de Portugal antigo e moderno*, do Padre João Baptista de Castro, tomo primeiro, publicado em Lisboa em 1762, o autor, no capítulo dos rios, menciona o Cávado, ao qual dá como nascentes as *Astúrias, conforme alguns, ou na Serra do Gerez, segundo outros* (pág. 114) e ao acentuar o Homem, não indica mais nenhum afluente daquele curso. As indicações geográficas continuam a revelar-se nos livros que tratam da geografia do país. O Professor Doutor Leite de Vasconcelos, no terceiro volume da sua *Etnografia Portuguesa*, publicado em 1941, insere um Mapa da antiga provincia de Entre-Douro-e-Minho, de 1762, que é curiosissimo pelo

aspecto que imprime ao percurso do Cávado e dos seus tributários.

Ao *Câbado*, segundo a grafia do autor do Mapa, é-lhe dada uma nascente em direcção oposte à verdadeira; em vez de seguir do norte, o rio parte do sul, passando a ocidente de Ruivães e dando ao verdadeiro Cávado, no seu curso superior, o nome de Rio de Monte Alegre. Para oriente de Ruivães, estão indicados dois afluentes, um dos quais provavelmente o Regavão, mas ambos desaguando muito perto um do outro e com *Codessozo* marcada a leste do segundo dêstes tributários. Do rio Homem não existe qualquer traço que indique a sua posição: não é mencionado. O Cávado, passa a ter, no seu curso superior, uma direcção paralela às dos outros rios, que, na realidade, são seus contribuintes da margem esquerda e que êste Mapa apresenta em tão revolucionada posição.

No «*Jornal de Coimbra*», em seu número XVI, de abril de 1813, Manuel António de Moraes Mendonça, na memória que escreveu sobre o concelho de Montalegre, características populacionais e produtivas da região do Barroso, diz a páginas 325 do citado jornal: «O Rio de Villa da Ponte, também he hum dos que fertilizão parte do concelho de Barroso com sua corrente, tem a sua origem acima do lugar de Negroens, e descrevendo hum quási semicírculo, vai desembocar no Rio Cavado, abaixo da Ponte da Mizarella ».

Aqui, o autor, dá ao rio o nome duma das povoações que êle banha, a mais notável das que ficam no percurso e também das mais intransigentemente trasmontanas pelo seu aspecto. Quanto à origem, fica vagamente marcada, *acima do togar de Negroens*. No *Essai Statistique sur le royaume de Portugal*, Adrien Balbi, ao referir-se a páginas 3, a diversos rios portugueses, nesse trabalho que fêz editar em Paris, em 1822, não se refere aos afluentes do Cávado, citando muitos outros cursos de água nacionais e indicando as designações porque eram conhecidos no tempo dos romanos. Importante pelo que diz respeito ao nome do rio e às descrições de profunda observação, relativas à parte física de Barroso, culturas, índolo dos habitantes e importância económica, publicou o Bacharel José dos Santos

Dias, em 1836, o seu *Ensaio Topographico Statistico do Julgado de Montalegre*, onde traduz um largo espirito de investigador, que as suas qualidades de médico do partido e de administrador substituto, contribuíram certamente, para nos deixar uma curiosa monografia que ainda hoje tem forte actualidade. Sempre que se refere ao afluente do Cávado, que nos serve de tema a êste trabalho, menciona-o como Regavão e é assim que, atravez das suas páginas e em capítulos diversos, aparece a sua grafia. Logo a páginas 2, diz o autor: «toda a sua superficie he retalhada por diversos Rios, riachos, ribeiros em diferentes direcções: os principais Rios são: o Terva, Beça, Regavão, e Cavado.

Na hidrografia regional, o rio, colocado como terceiro, na ordem descritiva é assim definido: «o Regavão tem a origem ao S. do lugar de Codeçoso da Chã, e tomando uma direcção tortuosa pelas planícies da Freguezia da Chã, recebe pela margem direita o ribeiro de Castanheira junto a Negrões, e do lado esquerdo o riacho de Morgade, e tomando quási a direcção da E. a O., tendo recebido vários ribeiros de ambas as margens, atravessa as Freguezias da Vila da Ponte e Pondras, e vai despenhar-se no Cávado, por baixo da célebre ponte da Misarela, tendo recebido o rio da Ponte do Arco a uma légua de distância, e completado o curso de 7 léguas».

No capítulo àcêrca das serras, afirma: «outra cordilheira principia em Codeçoso da Chã, e estende-se do N. E. a S. O. com direcção paralela ao rio Cávado pela margem esquerda, e pelo seu cume divide todo o terreno compreendido entre êste rio, e o Regavão em duas porções quási iguais, formando como dois vales ao longo de cada rio com as montanhas, que lhe ficam fronteiras» (pag. 15). Mais adiante, ao referir-se a uma antiga estrada que «passava sobre uma origem do rio Beça na ponte do Cortiço, e tomando a direcção das planícies de Morgade, Travaços e Penedones, e dahi a Villa da Ponte, passava na ponte daquele povo sobre o rio Regavão...» o médico do Barroso, insiste nesta grafia. Para quem conhecia como êle, a área desta parte do território português, de que deu provas sobejas na importante monografia que nos deixou, o facto de constan-

temente fazer uso do termo Regavão, deve indicar ser assim conhecido, no seu tempo, este linha de água trasmontana. Escondido para o interior do país, passa muitas vezes olvidado dos autores que escrevem sobre as nossas coisas. Fernando Denis, no seu *Portugal Pittoresco ou Descrição Histórica d'Este Reino*, aparecido em Lisboa em 1847, cite cursos de importância igual ou inferior, mas não se refere àquele.

Mais tarde, em 1866, J. A. d'Almeida, no terceiro volume do seu *Diccionario Abreviado de Chorographia, Topographia, e Archeologia das Cidades, Villas e Aidêas de Portugal*, a (págs. 28 e 29), ao falar de Ruivães, diz: «ahi perto êste a altíssima ponte sobre o Regavão, affluente do Cávado, deve pouco à arte e muito à natureza, por isso o povo ingênuo crê que fora obra do diabo, por que assim o engana a seguinte lenda». E, depois de descrever a tradição lendária que envolveu o local e de se referir aos recontros em 1810, das tropas anglo-lusas com as francesas, em que estes saíram derrotadas, e do encontro em 1827 entre as tropas realistas do general Silveira e as constitucionais do coronel Zagalo, termina por afirmar: «O Regavão serve agora neste ponto de divisão entre as províncias do Minho e Trás-os-Montes ».

Concomitantemente aparece já a grafia de Rabagão; a mudança deve ter-se operado entre 1860 e 1870, e assim, João Maria Baptista, na *Chorographia Moderna do Reino de Portugal*, no seu volume 1.º e a páginas 38, descreve o rio, dizendo: «Rabagão – ao qual chamam alguns auctores Regavão. Nasce uma legua a E. de Montalegre; corre na direcção geral O. S. O.; tem ponte na F. da V.ª da Ponte, na estrada que d'ahi vae para Montalegre; volte depois a N. O. na F. de Venda Nova: tem outra ponte (a da Misarela) na F. de V.ª Nova, na estrada de Ruivães para Montalegre, e logo entra no Cávado. O seu curso é de 7 léguas». Mas, embora por adulteração do nome primitivo, a antiga designação consegue mostrar-se vitoriosa ainda e Pinho Leal, que muito bem conhecia o país e do qual possuía imensas informações, sempre que se refere ao rio, o faz, empregando o nome de Regavão e nunca a forma actual. Assim, no *Portugal antigo e moderno*, volume 2.º, editado em Lisboa

em 1874, ao referir-se à povoação de Chan ou S. Vicente da Chan, escreveu: «passa por este freguesia o rio Regavão, que, correndo aqui minguido de aguas, a poucas léguas de distância, e próximo da sua confluência com o Cávado, forma sob a celebrada e pittoresca ponte da Misarela, as notáveis cachoeiras ou cascatas tão justamente admiradas pelos viajantes curiosos» (pag. 268). No volume 5.º da mesma obra, aparecido no ano imediato, descrevendo a povoação de Meixedo ou Meixendo, refere-se a que «junto à aldeia de Codeçoso da Chan, nasce o rio Misarella» (pag. 163), dando mais adiante a seguinte notícia deste linha de água: «Misarella ou Regavão – rio, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre. Nasce junto à povoação de Codeçoso da Chan, na freguezia de Meixedo, e descrevendo um quási semi-círculo, depois de atravessar as freguezias da Chan, Villa da Ponte e Pondras, vae, depois de augmentado com vários ribeiros e regatos, morrer na esquerda do Cávado, abaixo da célebre ponte da Misarella, com 42 Kilómetros de curso. Rega, mõe e cria muito e saboroso peixe miúdo, como escalos, bogas, enguias e excellentes tructas» – (pag. 340). Ainda no mesmo volume, ao falar da Misarela, Pinho Leal, descrevendo aquele lugar, é impellido necessariamente a falar do curso de água que o atravessa: «esta pittoresca e célebre ponte, está lançada sobre o rio Regavão, ou Misarella, à distância de 1 Kilómetro da sua confluência com o Cávado, na estrada de Braga, para Montalegre, por Sallamonde», (pag. 338). E mais abaixo, voltando a falar do rio, diz: «o Regavão serve actualmente, neste ponto, de divisão entre as províncias do Minho e Traz-os-Montes, e os districtos administrativos de Braga e Villa Real; tendo-se annexado ao concelho de Vieira (Minho) a antiga villa de Ruivães, e a visinha parochia de Campos» (pag. 339). Na fisiografia de Montalegre, Pinho Leal mais uma vez, no mesmo 5.º volume, volta a falar do Regavão, quer quando trata do relêvo do concelho, quer quando fala na hidrografia do Barroso. A grafia da palavra não aparece adulterada, e mantem-se em todos os volumes da sua vasta obra, que levou mais duma década a publicar-se e é repositório valioso de elementos informativos. No volume 7.º,

aparecido em 1876, sobre a povoação de Pondras, diz a (pags. 160): « está situada em uma planície baixa, na margem esquerda do rio Regavão».

Mas é no 8.º volume, de *Portugal antigo e moderno*, saído em 1878, que o autor dá mais extensamente notícia do tributário do Cávado. Depois de descrever a sua origem e percurso, especifica que «alguns também dão ao Regavão o nome de rio da Misarella, e outros, rio da Villa da Ponte (pag. 102), terminando na página imediata, por situar as freguesias de «Santa Marinha do Ferral e Covêllo do Gerez», no ângulo formado pelos rios Cávado e Regavão». Na notícia sobre Reigoso, a paginas 121 do mesmo volume, Pinho Leal afirma estar esta freguesia «situada em terreno levemente acidentado, na margem direita do Regavão, que lhe corre ao sul» e por cujo centro, «corre o ribeiro de Vallongo, que nasce da serra da Lomba do Rêgo, próximo a Fervidellas, e morre, com ó kilómetros de curso, no Regavão ».

E sobre Ruivães volta a insistir na hidrografia regional, quando, ao localizar esta freguesia, menciona-a «em terreno muito acidentado, e limitada ao N. pelos rios Cávados, e Regavão; ao S. pela serra da Cabreira; e ao O. pelo rio Saltadouro» (pág. 258-259).

Finalmente, no 11.º volume, cujo aparecimento só teve lugar em 1886 e ao tratar de Vila da Ponte, o minucioso investigador do *Portugal antigo e moderno*, descreve esta freguesia como situada num «amplo valle, cortado a meio pelo rio Regavão» e cuja «sede da parochia, está na margem esquerda do Regavão» (pág. 894-895). Aqui, o autor coloca uma nota que é interessante transcrever: «os mappas e a Chorografia Moderna dizem Rabagão; mas hoje na localidade todos dão a êste rio o nome de Regavão». E' a primeira vez que Pinho Leal alude àquele nome, e a sua nota, frisa bem a antinomia entre a expressão moderna e aquela que foi conservada e mantida pelos povos ribeirinhos. Para mais, Vila da Ponte é o núcleo mais importante e caracteristicamente barroso das margens daquele rio; e de todas as localidades, aquela que mais contacto toma com as aguas que aqui passam entre margens mais doces e atraentes.

Pode-se mesmo dizer, que é nesta localidade, que pulsa o coração do rio que a atravessa. Não será de estranhar, que guarde melhor ainda e conserve, o nome que lhe foi dado. Daqui em diante, o nome de Rabagão começa a aparecer com certa insistência, até se tornar em nossos dias como muito frequente. No *Diccionario Chorographico Reino de Portugal*, publicado pela imprensa da Universidade de Coimbra, em 1878, Agostinho Rodrigues de Andrade, ao mencionar Vila da Ponte, dá-a «situada na esquerda do Rabagão» (pág. 196), mas, ao falar do próprio rio, diz «Rabagão ou Regavão, ribeira de Trás-os-Montes... (pág. 226).

O Abade Gaultier, certamente influenciado por notícias mais modernas, nas *Lições de Geographia* que publicou em Paris, no mesmo ano, refere-se ao Cávado, dizendo que «tem por confluentes o Rabagão na margem esquerda, e o Homem na direita » (pág. 195). Mas nem todos os autores aceitam a forma corrompida e Manuel Pinheiro Chagas, no seu 10.º volume do *Diccionario Popular Histórico, phico, Mythologico, Biographico, Artístico, Bibliographico e Litterario* que dirigiu e fêz aparecer em Lisboa em 1882, insere a páginas 222 a seguinte noticia: «Regavão – Rio de Trás os-Montes, n. junto do lugar de Codeçoso da Chan, recebe o ribeiro da Castanheira, o riacho de Morjade, o rio da Ponte do Arco, e, abaixo da Ponte de Misarella, entra no Cávado depois de um curso de 42 Kilom.». Numa pequena nota àcêrca do rio de que é tributário, a *Corographia de Portugal*, da Biblioteca do Povo e das Escolas na sua terceira edição, de 1884, diz: «são seus afluentes os rios Rabagão na margem esquerda, e Homem na direita» (pág. 7-8).

Outras vezes, aparecem as várias designações conjuntamente, figurando em primeiro lugar a forma própria e antiga. Assim acontece no *Minho Pittoresco* de José Augusto Vieira, onde no seu tomo I, editado em 1886, na cidade de Lisboa, se pode ler: «a freguesia, (refere-se o autora Ruivães) situada em valle accidentado, nas faldas da serra da Cabreira que a limita pelo sul, é ao poente limitada pelo rio Salta-douro, e a norte e nascente circumscrita pelos rios Cavado e Regavão (ou Misarella) pág. 486.

E, ao falar desfa ponte, diz que « ella atravessa a corrente do Regavão ou Rabagão» (pág. 487).

Na carte xilográfica publicada no princípio dêste volume, na escala de 1:500.000, vem o curso de água referido, designado por Rio Regavão ou Misarella. No ano imediato, sai o tomo IV do *Diccionario de Geographia Universal*, com a colaboração de diversos homens de letras e dirigido por Tito Augusto de Carvalho. Nêste e a páginas 25, vem inscrita uma ligeira nota sobre o c Rabagão – rio do distrito de Bragança? (Portugal)». Publicações geográficas sobre o país, passam mesmo sem o mencionar. Ricardo Luiz de Carvalho, nos *Elementos de Chronologia, Geografia e Chorographia de Portugal*, que fêz publicar neste cidade, em 1897, citando o Cávado e indicando as suas principais características, indica apenas o Homem como seu afluente principal.

As cartas publicadas em 1899, trazem já o nome de Rabagão. Assim sucede à carte topográfica na escala de 1.100.000, è carta geológica de Portugal e mais tarde (1903), è hipsométrica, ambas na escala de 1.500.000. Com mais assiduidade é empregada esta designação nas publicações aparecidas. No seu *Atlas de Geographia Universal*, ao descrever a *Chorographia Physica* do país, Ferreira da Costa, tratando dos contribuintes do Cávado, refere-se assim: o Rio Homem, que nasce na serra do Gerez, e o Rabagão são os principais afluentes, o primeiro pela margem direita e o segundo pela esquerda» (págs. 2 e 3, Lisboa – 1903). Parece generalizar-se cada vez mais, o nome deturpado.

Em 1912, Esteves Ferreira e Guilherme Rodrigues, no *Portugal. Diccionario historico, chorographico, biographico, bibliographico, heráldico, numismático e artístico*, volume 6.º, letras Q-S, dá breve indicação do «Rabagão – rio da prov. de Trás-os-Montes, no distr. de Bragança» (pág. 71).

Até foi modificado o distrito a que o curso de água pertence!

Na excursão que realizou em 1917, por Trás-os-Montes o Professor Doutor Leite de Vasconcelos nada nos informa do rio de que tratamos; êle mesmo diz que «a rapidez, com que íamos, só me permitia *olhar* para os locais por onde passávamos» (pág. 29). Porém os investigadores e

arqueólogos voltam a inserir a designação antiga. Fernando Braga Barreiros, em 1919, nos *Materiais para a arqueologia do concelho de Montalegre*, acêrca de Viade, assim se manifesta : «na margem esquerda do rio Regabão, ou Rabagão, nota-se um penhasco conhecido por Coto ou Castelo de S. Romão, onde se vêem as ruínas duma grande fortificação, e nas faldas dos lados de Leste, Sul e Oeste, muitos alicerces de casas de pedra rectangulares, algumas de cantaria, e fragmentos de vasilhas de barro preto» (pág. 18).

E nula a importância dêste e doutros rios do norte de Portugal, para a navegação, dadas as características de forte pendor e irregularidade no volume de águas. Augusto Neuparth, em 1922, no trabalho que publicou sobre *A navegabilidade dos rios em Portugal*, não o menciona, citando o Cávado e o Ave da região setentrional do país, como sendo «apenas fluuáveis» (pág. 30).

Mas estava destinado a um escritor insigne de assuntos históricos – Eduardo Noronha – dar vivo realce ao curso de água do Barroso e descrever a beleza estranha e profundamente emotiva do seu vale e terminação. A *Marqueza de Chaves*, daquele autor, publicada no Porto em 1922, insere trechos duma prosa onde admiravelmente se dá conta daquele curso: «Na verdade, o Regavão, ou Misarela, que por um lado separa a província de Traz-os-Montes da do Minho, referve lá em baixo numa chachoeira ruidosa. O estrépito ouve-se a distância. Salta de fraguedo em fraguedo, de penedia em penedia, de ponta em ponta, aos pinchos como um cabrito montez, em caprichosos pulos, escoando-se por entre as rocas, serpeando em babuge alvíssima, espumando lá em baixo como uma fera raivosa, metida num poço de alcantis aspérrimos, a rastejar por ali acima num assalto de felino faminto, por meio de cârrascaes, de castanheiros anosos, de oliveiras escassas e raras videiras » (pág. 487).

Mais adiante refere-se Eduardo Noronha aos nomes por que é conhecido o rio, colocando na boca dum dos seus personagens a resposta a essa pergunta: «Regavão, Misarela e também rio da Vila da Ponte».

Na notícia histórica e descritiva sobre *Vieira do Minho*,

que o Padre Alves Vieira em 1925 deu à publicidade, vem o nome moderno do rio. «Se o turista é corajoso, suba Rabagão acima »; e, num conselho dado abaixo, « só lucram em percorrer o Rabagão da Misarela para cima. Levem lapis, papel, uma boa arma caçadeira... e muita paciência » (pag. 339-340).

Nos livros de ensino, esta designação acentua-se. O Bispo da Guarda, D. José Alves Mattoso, no *Compendio de Geographie Gerei*, editado em Leiria em 1928, traçando o perfil do Cávado, escreve: «recebe pela margem direita o Homem, que nasce na serra do Gerez, e, pela esquerda, o Rabagão, que começa no planalto do Barroso» (Pag. 303-304).

Ao falar desta região trasmontana, Baptista de Lima, nas *Terres Portugueses*, saídas em 1932, nem de passagem se refere às linhas de água barrosãs. No volume III da sua *Etnogrefie Portuguese*, (Lisboa – 1936), o Professor Doutor Leite de Vasconcelos, aludindo aos cursos de água secundários que alimentam alguns dos rios principais do norte do país, exprime-se assim: «Para o Minho afluem, em Portugal, o Varzeas, o Mouro, o Coura, para o Lima, da direita, o Laboreiro, o Vez, da esquerda, o Vale, para o Cávado, da direita, o Homem, da esquerda o Rabagão» (pág. 15).

Vitor Branco, também no seu *Almanaque de Lembranças locais*, que viu a luz da publicidade em Montalegre, no ano de 1941, referindo-se à paisagem disfrutada, diz: «Quem do Castelo corre a vista desde o Larouco até o Gerez nota que toda a bacia do Cávado dá a impressão dum deserto tapetado de urzes e carquejas, o que talvez, com maior acentuação, se verifica em toda a bacia do Rabagão, desde Morgade à Venda Nova» (pág. 25).

No ano imediato, Tude de Sousa faz reeditar, precedida duma introdução e acompanhada de notas, as *Memories Histórico-Topographicas das Caldas do Gerês* que o Doutor José dos Santos Dias escreveu, em Montalegre, no ano de 1825, depois de haver sido médico do partido das mesmas Caldas, de 1811 a 1817. Aqui, na sua referência à orografia e hidrografia locais, faz alusão ao « rio da Mizarella, que desenhava da parte do Sul na povoação de Sidrós » (pág. 15). O autor do *Ensaio Topographico Statistico do Julgado de*

Montalegre, que ainda hoje em muitas coisas possui actualidade, e de que já demos notícia, falava quinze anos antes, apenas, na designação de Rio da Misarella, nome que provinha do lugar mais próximo onde desempenhava provavelmente a sua profissão. Ainda com a grafia de Rabagão, se refere Oliveira Mascarenhas no *Portugal e Possessões*, dando ligeira nota do Rio Cávado (pág. 764) e da mesma forma procede a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* na notícia respeitante a este rio. No Anuário dos Serviços Hidráulicos, de 1941, é empregada na linguagem oficial o nome de Rabagão, sempre que os técnicos se referem a trabalhos projectados e em estudo sobre este rio.

Existe modernamente, no espírito dos autores, a forma de escrever que corresponde, como julgamos, à maneira deturpada da primitiva origem; e desta forma, se vai fixando nas cartas e transmitindo uma designação que é necessário corrigir e colocar revestida da sua anterior roupagem.

Na ponte de Friães, da freguesia de Viade, lá está o letreiro assente com nome de Rabagão, quando melhor se teria feito e interrogado os habitantes circunvizinhos. Parece-me fora de dúvida que foi entre 1860 e 1870 que apareceu a designação moderna. Até aí, não conseguimos encontrar a forma que depois se generalizou.

O interesse que este rio tem para nós, elevou-se ainda, quando soubemos do problema do seu nome e das vicissitudes porque passou.

Na visita de estudo que realizámos à região da sua bacia, em Outubro de 1944, a-fim-de colhermos elementos e observar de perto as suas características, marcando com a recolha de exemplares geológicos os traços fundamentais da natureza dos terrenos, fizemo-nos acompanhar com exemplares impressos dum questionário, extremamente simples, como seria de aconselhar, que distribuímos por muitos habitantes dos vários lugares e freguesias que percorremos. Antes dessa excursão, já nos havíamos colocado em contacto com diversas pessoas conhecedoras do Barroso e entre elas destacamos a figura eminente do erudito investigador Padre Manuel Afonso Baptista, Abade de Vila da Ponte, que alia à sua grandeza moral um conhecimento

perfeito das questões e assuntos que interessam a esta região onde nasceu.

Pelas investigações efectuadas, verificámos que a não ser no curso inferior do rio, de Venda Nova para juzante, o nome que lhe é dado é o de Regavão e assim também figura na confrontação dos prédios que com êle confirmam, na matriz predial de Montalegre, séde do concelho. E curioso acentuar, que pessoas de Venda Nova, habituadas ao nome de Rabagão, quando se referem à ponte de Friães, sobre o rio, situada para montante de Vila da Ponte, dizem a ponte *do Regavão*. O moleiro, que na sua azenha trabalhava, junto àquela ponte e com quem conversámos, homem já de idade avançada, chama ao rio o Regabão, fazendo como é natural e encontramos, o abrandamento da palavra pela troca do v por b. Em Venda Nova e na Borralha, dá-se a designação moderna, o que está de acordo com a falta de tradições destas localidades.

Do inquérito a que procedemos, verifica-se ser a palavra Regavão, a mais espalhada, e aquela que é conservada ainda pelas pessoas idosas que não se deixaram influenciar pelos modernismos da linguagem. Disso temos muitas provas nos boletins provenientes de Vila da Ponte, Ladrugães, Viade, Friães, Bustelo, Pisões, Santa Marinha do Ferral, Covêlo do Gerez e Montalegre.

Nos limites da freguesia de Negrões, na povoação de Vilarinho, existe uma pequena ponte sobre o rio. Toda a gente a conhece pelo nome de *ponte do Regabão*, e, aos lameiros que se encontram nas zonas marginais são chamados os *lameiros do Regabão*.

E também de interêsse acentuar o que se verifica com pessoas da freguesia da Chã e que passaram pelos bancos da escola primária há umas três ou quatro dezenas de anos. Ainda se recordam hoje que os professores primários dessa época, ao referirem-se ao rio de que tratamos ditavam o nome de Regavão, o qual se mantém ainda intacto actualmente no espírito dessas mesmas pessoas. O Presidente da Câmara Municipal de Montalegre, Reverendo Padre João Manuel Gonçalves Anjo, confirmou-nos em absoluto tal facto e acentuou a importância da sobrevivência da antiga designação.

E até, como dizem os habitantes, a forma de Regavão é a mais adequada ao carácter do rio, visto que, correndo quasi sempre entre margens alcantiladas, poucos serviços presta à agricultura na irrigação das terras, e por isso, *rega em vão*, como afirmam. Assim se expressou também, num discurso proferido há anos, o falecido engenheiro Fernando de Sousa, depois de ter visitado o conhecido e curioso rio.

De facto, pouco rega aquele curso de água, desempenhando esta função, em escala mais importante, alguns dos seus afluentes secundários. Pelo que consultámos nas mais diversas obras e documentos, nas informações colhidas pessoalmente, nos boletins de inquérito e elementos fornecidos por eruditos e cultores da toponímia, ficou-nos bem vincada a ideia de que o primitivo nome é de Regavão, e que a grafia de Rabagão, constitue uma forma adulterada da primeira começada a circular por alturas de 1860.

Quanto à mudança duma para outra morfologia, julgamos explicar o facto pelas alterações lógicas que a análise nos aconselha, e que parecem dar solução favorável e o espírito aceita sem relutância e prontamente.

1. °) – Da primitiva grafia Regavão, passar-se-ia por abrandamento do *v*, para a forma seguinte de Regabão;
2. °) –A presença do R, em português, junto às vogais, traz com frequência a sua substituição por outra e assim, teria aparecido Ragabão;
3. °) – Por metátese, deu-se a troca das consoantes e finalmente formou-se a palavra Rabagão. Facto análogo, neste último caso, deu-se com o Cávado, primeiramente Cádavo, expressão esta que se relacionou, conforme disse o professor Doutor Leite de Vasconcelos na *Geographia da Lusitania na epocha proto-histórica* (Lisboa–1903 pág. 40), «com a família de palavras a que pertence Cada-val, Cadavares, Cadaveira, etc.».

E' também frequente no Barroso, o fenómeno da troca de consoantes, como tivemos ensejo de verificar. Sobretudo danar por nadar é de uso vulgaríssimo.

Ao darmos a êste trabalho o título de Rio Regavão, julgamos ter prestado à verdade um serviço e contribuído para repor na sua verdadeira grafia, o nome de tão acidentado curso de água que nas terras penhascosas de Trás-os-Montes se estende entre apertados abraços minerais.

(Continua)

RAÚL DE MIRANDA

Assistente da Faculdade de Ciências
Colaborador da Junta das Missões Geográficas
e de Investigações Coloniais